



CARTOGRAFIAS MISTIÇAS E OUTROS PROCESSOS

Isabel Orestes Silveira
Antônio Iraildo Alves de Brito
Organizadores



PAULUS



FAPCOM

CARTOGRAFIAS MISTIÇAS E OUTROS PROCESSOS

Isabel Orestes Silveira
Antônio Iraildo Alves de Brito
Organizadores



@ 2021

Os exemplares desta publicação são de inteira responsabilidade dos autores.

ISBN

978-65-5562-415-1

Capa

Eduardo Hofling Milani

Projeto Gráfico

Débora Setton (UPM)

Diagramação

Juliana Silveira Vizzáccaro

Coordenação de desenvolvimento digital

Leidson de Farias Barros

Desenvolvimento digital

Júlia Cardoso Nascimento

Realização:

Grupo de Pesquisa Linguagem, Identidade, Sociedade: Estudo sobre Mídias (CNPQ) do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Conversão ePUB

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cartografias mestiças e outros processos [livro eletrônico] / organizado por Isabel Orestes Silveira, Antônio Iraldo Alves de Brito. - São Paulo : Paulus, 2021.

ISBN 978-65-5562-415-1 (e-Book)

1. Miscigenação - Brasil - História 2. Antropologia – Brasil 3. Cartografia 4. Mulheres I. Silveira, Isabel Orestes II. Brito, Antônio Iraldo Alves de

21-5651

CDD 342.81087

CDU 572.795

Índice para catálogo sistemático:

1. Miscigenação - Brasil - História

A obra pode ser adquirida por meio do site do Grupo de Pesquisa:
Linguagem, Identidade, Sociedade: Estudo sobre Mídias (UPM) www.clisem.com

Parcerias

Grupo de Pesquisa "Comunicação e Cultura: Barroco, Oralidades e Mestiçagem" do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (COS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Grupo de Pesquisa em "Processos de Criação" do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (COS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Grupo de Pesquisa "Sagrado, Mediações Tecnológica e Contemporaneidade" da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM)

Grupo de Pesquisa InCognITA-Inovações em Cognição, Informação, Tecnologia, Aprendizagem e Artemídia e Videoclipe do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP/SP)

Grupo de Pesquisa "O discurso Pedagógico de Paulo Freire: uma leitura" do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre currículo e Sociedade (GEICS) do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Grupo de Pesquisa "História da Cultura, Sociedade e Mídia" do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Comissão Científica

Profa. Dra. Alice Perucchetti Orrú (UNIFAE)

Prof. Ms. Arnaldo Lorençato (UPM)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sandano Santos (UPM)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Souza Aguiar (FAPCOM)

Profa. Dra. Cecília Almeida Salles (PUC/SP)

Prof. Dr. Eduardo Hofling Milani

Prof. Dr. Francisco Silva Mitrald (UPM)

Profa. Dra. Glaucia Eneida Davino (UNESP)

Prof. Dr. Guilherme Bryan (Centro Universitário Belas Artes/SP).

Prof. Dr. José Maurício Conrado Moreira da Silva (UPM)

Profa. Dra. Katia Teonia Costa de Azevedo (UFRJ).

Prof. Ms. Manoel Roberto Nascimento de Lima (UPM)

Prof. Dr. Marcos Nepomuceno Duarte (UPM)

Prof. Dr. Marcos Rizolli (UPM)

Profa. Dra. Maria Lucia M. Carvalho Vasconcelos (UPM)

Profa. Dra. Marili Moreira da Silva Vieira

Profa. Dra. Mirtes de Moraes (UPM)

Prof. Dr. Patrício Dugnani (UPM)

Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari (UNICAMP)

Prof. Dr. Pelopidas Cypriano de Oliveira (UNESP)

Profa. Dra. Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues (UNESP)

Profa. Dra. Rosana Maria Pires Barbato Schwatz (UPM)

Profa. Dra. Regina Pires de Brito (UPM)

Profa. Dra. Valéria Bussola Martins (UPM)

A CARTOGRAFIA DAS SAUDADES NAS CANÇÕES DO PESSOAL DO CEARÁ

JOÃO LUCAS VIEIRA NOGUEIRA (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP)¹

Introdução

A saudade é um tema que me arroteia desde que, ainda adolescente, levando certa baforada de mormaço pela janela do quarto, naquele horário de meio-dia com a barriga cheia do almoço, percebi-me envolto pela aura etérea da saudade. Uma espécie de passamento místico, como os experimentados por Quaderna ao bebericar o seu Vinho Sertanejo da Malhada daquela cabalística religião Católico-Sertaneja (SUASSUNA, 2012). A saudade leva a outros mundos pelas brechas das percepções. Dobras deleuzianas (DELEUZE, 1991) do espaço-tempo. Não era ali uma melancolia triste de uma ausência em dor. Era um corpo em festa pela presença de uma ausência familiar, real e tátil, mesmo que estranha ao universo próximo da consciência imediata. Eu vivi aquela saudade, que era profunda, mas que não se mostrava. Até hoje não sou capaz de identificar qual era o elemento que buscava o coração. Recriar as condições ambientais parece tentativa vã de descobrir. A própria saudade penetrou o passado e costura os futuros nas bordas. Um lugar, uma pessoa, um objeto, um estradar: “no roçado do meu coração há um tempo de plantar saudade, há um tempo de colher lembrança, pra depois com o tempo chorar”². Esses podem ser temas recorrentes para florescer o sentimento, que, mestiço de nascença, desfaz as oposições superficiais de causa e efeito: alegre-triste, longe-perto, presença-ausência são simplesmente situações que se inter cruzam, se penetram, se fundem, em zigue-zague, em ambiguidade, em paradoxo, mas não definem ou esgotam, por jogo binário da ciência cartesiana, o entretecer miúdo, contínuo e selvagem do sentimento. “Como é bonito ver o meu amor nadar nessa lagoa que nasceu dentro de mim. Depois notar que de tanto se banhar, meu amor virou saudade e saiu no meu chorar. Se essa lagoa fosse um copo de aluá, eu vivia dentro dela até me maravilhar!”³

Pretende-se aqui, desvencilhar, em uma cartografia de sons, trajetos e poesias, a saudade que permeia as canções do Pessoal do Ceará. Este foi um grupo formado por artistas cearenses, que inicialmente se reuniram em Fortaleza, Ceará, entre músicos, cantores e compositores. Eram artistas, intelectuais, a maioria envolvida no meio acadêmico e que teve como marco o disco lançado por Ednardo, Rodger Rogério e Teti em 1972, chamado "Meu corpo, minha embalagem, todo gasto na viagem" (ROGÉRIO 2006, 2011). Vasconcelos (2010) explica que

¹ Nascido no Nordeste do Brasil, cresceu e viveu em Fortaleza, Ceará. Filho de sertanejos, descendente de sefarditas imigrantes, carrega consigo a saudade e o desejo vindos desse antepassado mestiço. Arquiteto e urbanista de formação, saído da Universidade Federal do Ceará. Tem o desenho, a escrita e a fala como forma de expressão de sua alma inquieta. Fez mestrado em Belas Artes na Universidade Complutense de Madrid e doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC de São Paulo. Atualmente, dedica seus dias a escrever, falar e estudar sobre a cultura, a mestiçagem e a saudade no Sertão..

² Flora (Climério, Dominginhos e Ednardo, 1979).

³ Lagoa de Aluá (Vicente, Climério e Ednardo, 1979).

O que se convencionou chamar de Pessoal do Ceará não é uma ficção. Mas um grupo que de forma mais ou menos organizada soube repartir tarefas. Entre intérpretes, compositores, letristas, instrumentistas, produtores, vimos surgir nomes como os de Raimundo Fagner, Belchior, Ednardo, Petrucio Maia, Fausto Nilo, Brandão, Têti, Rodger Rogério, Ricardo Bezerra, Manassés de Sousa, Cirino, Augusto Pontes, Marta Lopes e tantos outros. (pág. 165)

Pessoal do Ceará não foi uma denominação deliberada, com o intuito de nomear um grupo específico ou um movimento, Rogério (2011, p. 147), cita Moura (2004, s/pág.) que explica que essa foi uma alcunha informal dada pelo radialista Júlio Lerner. O movimento que houve foi de partida. Artistas que, em busca de maior projeção recorreram ao centro dos investimentos no país: "as coisas vêm de lá e eu mesmo vou buscar, e vou voltar em video-tapes e revistas super-coloridas, pra menina meio distraída repetir a minha voz! Que Deus salve todos nós, que Deus guarde todos vós!"⁴. Foram percursos de saída em busca de se consolidar no cenário musical nacional. Para muitos, Fortaleza foi a primeira parada, depois o chamado "Sul Maravilha", entre Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Vasconcelos (2010) trata desse assunto ao analisar a música Estrada de Santana:

Ora, nenhum outro povo do Brasil, como o cearense, é mais especialista nisso: saudade de casa. E porque vivemos no mundo. E, claro, nem sempre por escolha. Assim, "Estrada de Santana" assoma como mais uma das grandes canções de exílio que povoam o cancioneiro cearense. (p. 166)

Escutando-a com melhores fones de ouvido, percebemos que essa vivacidade vem menos por conta da descrição da paisagem e mais pelo fato de ela ser evocada por um exilado: "Mas sou eu que não posso voltar / Não, não, não corro a Estrada Velha de Santana [...]" Essa impotência de estar nos lugares da eleição pesa nas carnes do cearense como uma maldição de proporções devastadoras, bíblicas mesmo. (p. 165)

E é disso que se trata esse texto: a saudade no cancioneiro cearense, em particular o produzido pelo Pessoal do Ceará, sua relação com a constituição de uma ideia de identidade nordestina, finalmente chegando a uma leitura da mestiçagem presente tanto na saudade quanto naquelas canções, em uma reflexão a partir da complexidade que busca costurar as teorias apresentadas.

A Saudade e o Pessoal do Ceará. O pessoal e a saudade do Ceará

Há uma saudade entranhada, no corpo e na cultura cearense. Talvez pelo convívio próximo com o exílio, com a partida, talvez por ser migrante na própria terra. O cearense é viajante de partida. Cultura construída no contato, pelo encontro e a surpresa do diferente. Não se fala de uma civilização pré-cabralina vivendo de maneira complexa e sedentária no território cearense. Cultura nômade, viajante e aventureira. A casa é lugar de passagem, de paragem muitas vezes, mas também de passagem. Como disse Stanislaw Ponte Preta (1974, p. 84): "Quando o primeiro astronauta chegar à Lua, quem vai abrir a porta do seu foguete, pelo lado de fora, é um cearense." A vontade de ficar só se equipara com a vontade de sair: "não permita Deus que eu morra sem sair desse lugar, sem que um dia eu vá embora, pra depois poder voltar. Quero um dia ter saudade desse canto

⁴ Carneiro (Ednardo e Augusto Pontes, 1974).

que eu cantei e chorar se der vontade de voltar pra quem deixei"⁵. A saudade é necessária como forma de se entender no mundo. Provoca o movimento, a saída em busca do encontro e do fim da saudade, que por sua vez, nunca acaba, porque está no percurso. A saudade é o próprio movimento.

Para Laplantine (2017), a saudade é um sentimento mestiço que significa sofrer de um prazer passado ao mesmo tempo que se tem prazer no sofrimento de hoje. Antes de compreender o delicado jogo entre prazer e sofrimento que tal definição propõe, nos importa analisar o viés mestiço do sentimento. Para Amálio Pinheiro (2020),

Mestiçagem não é apenas cruzamento de raças, mas muito mais: interação entre objetos, coisas, formas, linguagens e imagens da cultura. A mestiçagem não opera por fusão, que apaga as diferenças, nem por mero reconhecimento das diversidades, que as mantém isoladas. Não se chega, pela mestiçagem, a qualquer invariante matricial dominante, no passado ou no futuro. Não nasce de nenhuma origem exclusiva, separadamente uma ou essencial; não chega a qualquer unidade ou identidade substancial isolada. Nunca é ilha mas sempre arquipélago. (...)

A mestiçagem passa sempre longe das totalizações epocais sucessivas: ser moderno, não-moderno, pós-moderno ou contemporâneo lhe é um alimento esporádico e desprezível de superfície, já que ela pensa, come e trabalha por aglutinações fora-dentro e alto-baixo, de inúmeros e mútuos pertencimentos, camadas e competências corpovocalcognitivas. (...)

Não lhe é suficiente o hibridismo, pois que à mestiçagem não interessam apenas as proximidades e aglomerações quantitativas de fronteira, mas principalmente as inclusões e conexões assintáticas e pré-sintáticas, asemânticas ou plurissêmânticas, através de todos os procedimentos de toda e qualquer linguagem, através de todos os desconhecidos procedimentos dos magmas e lavas anteriores às linguagens, que transformam o separado, seja distante ou próximo, em retículas, ourivesaria ou labirintos de alteridades em ação e reação. (...)

Esta mestiçagem não se explica pelo discurso dos meios, poderes e instituições: atua, coletiva e anonimamente, nos porões da história e nas séries da cultura cotidiana, como enorme laboratório e almoxarifado da memória, dos acontecimentos urbanos e da natureza, desde um simples objeto de uso doméstico aos grandes espetáculos populares. Sem ela não há mediação possível. (...) (p. 8-23)

Portanto, sendo a saudade mestiça, não se deve marcá-la como índice de identidade. Trabalha no universo do paradoxo, da ausência, do fugidio. Ao usá-la como elemento diferenciador de uma civilização ou de uma cultura, rompe-se a própria possibilidade da saudade, que serve justamente para aproximar o inaproximável, "um desejo de estar perto de quem está longe de nós! Um ai! Que não sei ao certo se é um suspiro ou uma voz." (TIGRE, 1935 in TOBIAS, 1997). A saudade fragmenta a lógica binária da ciência ocidental sendo a própria vivência dos entremundos que preenchem a realidade que nunca pára nos opostos. Entre a alegria e a tristeza, entre o perto e o longe, entre a presença e a ausência, existem diversas nuances de saudades, que conectam, unem, aproximam, muito mais do que afirmam uma diferença ou um afastamento. Enquanto sentimento mestiço, a saudade não é início e nem fim, pois que é processo. Não faz sentido pensar a saudade como mito originário de um povo, já que exige um passado prazeroso pelo qual se sofra. Também não faz sentido tratá-la como objetivo escatológico, já que na saudade também se inclui uma busca, que é seu próprio fim: "Quando avistei a cabôca, quage chorei de verdade! Ai, meu Deus,

⁵ 4 Graus (Dedé Evangelista e Fagner, 1972).

cumo é bunita a morte duma sôdade!!"⁶. Outra característica mestiça da saudade é o fato de não lhe caber a conjunção "ou", mas sempre "e", "também". Primeiro porque não se sente saudade disso ou daquilo, mas podemos muito bem sentir saudade disso e daquilo e daquilo outro também. As saudades se acumulam, se penetram, incham e esvaziam. Segundo, porque a saudade permite que o passado e o presente convivam num só sentimento. Não é necessário escolher entre viver o presente ou perder-se no passado, já que a saudade conecta passado e presente não somente como memória, mas memória vivenciada através da saudade, como canta Ednardo: "Enquanto apreciava a pressa da cidade a Praia de Iracema veio toda em minha mente, me banhando de saudade, me afogando na multidão"⁷. A lógica paradoxal e inclusiva da saudade é uma lógica mestiça, sendo portanto algo fora do tempo linear da física clássica. Está na dobra barroca proposta por Deleuze (1991), pois que as saudades de algo não são diferentes memórias que variam em torno de uma saudade verdadeira, mas a verdade é que a saudade é a própria variação que se permeia e se toca nas mudanças da dobra.

Quanto ao prazer e sofrimento propostos por Laplantine (2017), a definição de Tobias (1997, p. 28) parece corroborar com a ideia quando diz que "a saudade é o sentimento amargosamente gostoso de um amor ausente". O autor faz questão de frisar que o advérbio está para o adjetivo, reforçando-o e não o contrário. Portanto, o gostoso dominaria mais na saudade do que o amargo. O amargor surge pela ausência imediata do amor, ausência presentificada pela saudade. Além disso, chama atenção para o fato de que a saudade só pode surgir quando houver amor, este seria essencial para a possibilidade do surgimento da saudade:

A existência da saudade, que pressupõe o amor e a consciência da ausência desse amor, acompanhados do desejo de sua volta. Com a adolescência, é possível a existência de todos esses caracteres: então se possuem amores, ao mesmo tempo que se vai tomando consciência da sua ausência com o desejo de sua volta. (p. 20)

Logo, prazer e sofrimento, amargo e gostoso se confundem, tornam-se um imbricado paradoxo conjunto e não marcos de uma oposição binária cartesiana: "Teu amor é cebola cortada meu bem, que logo me faz chorar. Teu amor é espinho de mandacaru, que gosta de me arranhar. Teu olhar é cacimba barrenta meu bem, que eu gosto de espiar"⁸. Corroborando com o paradoxo entre prazer e sofrimento, Oliveira (2019), nos explica que:

Pascoaes (1912) levantou uma filosofia própria, ora se afastando do termo, geralmente, usado pelo povo, ora se aproximando de uma noção inédita produzida pelo próprio autor e caracterizando a filosofia pascoaesiana ou o saudosismo. A saudade é consubstancializada como síntese afetiva entre desejo e dor. O desejo objetiva a dor e a dor subjetiva o desejo. De modo que o desejo se refere ao sentimento saudoso que expressa a perspectiva ariana do mundo, enquanto a dor apresenta a perspectiva semita. Ainda pelo desejo a saudade transforma-se em esperança e pela dor transforma-se em lembrança. (p. 25)

⁶ Poema de Catulo da Paixão Cearense, retirado da revista A Noite ilustrada: edição especial Homenagem a Catulo da Paixão Cearense (19-7-1946), às páginas 09, 33 e 39. Disponível em <https://almaacreana.blogspot.com/2018/02/terra-caida-catulo-da-paixao-cearense.html> > acessado em 2 de agosto de 2021 às 22:20.

⁷ Águagrande (Ednardo e Augusto Pontes, 1974).

⁸ Cebola Cortada (Clodô e Petrúcio Maia, 1977).

Mesmo os defensores e criadores de uma filosofia portuguesa baseada na saudade, como o autor acima citado por Oliveira, percebem a saudade como um produto mestiço, com uma parte ariana e outra semita, apesar da tentativa de utilizá-la como estrutura para uma identidade lusitana. Mas o mais interessante da citação é perceber como a dicotomia entre dor e desejo se desfaz na saudade em um engaste de diferentes delineações possíveis.

Oliveira (2019) também nos apresenta a reflexão de Alceu Amoroso Lima (1955), que além de uma beleza poética, realça o aspecto paradoxal e barroco da mestiçagem:

No que se refere à saudade, o autor abre o 18º capítulo com uma ponderação sobre o passado enquanto força de sabedoria para a vida. “Para cada um de nós o passado não é o que passou: é o que não passou” (LIMA, 1955, p. 115). Desse modo, são descritos o passado morto e o passado vivo. No primeiro, a discussão se dá pelo passado esquecido, uma vez que, se passou todo, então já é morto. Já o segundo, o passado vivo, se trata do passado-presente, o qual é revivido a um toque de qualquer circunstância acidental e vive conosco como o mais vivo dos presentes. (p. 35)

A própria Oliveira (2019), por sua vez, entende a saudade por um viés muito mais antropológico e cultural do que baseado no amor e na poética paradoxal entre desejo e dor. Para a autora, “a saudade é pensada como palavra viva que anima uma categoria analítica e que promove uma tessitura de diferentes histórias em relação ao passado.” (p. 16). Sua definição deve-se muito a Osvaldo Orico (1940), mas também se constrói com as reflexões de DaMatta (1993):

Ao contrário de uma atitude ingenuamente empiricista, que privilegia a experiência individual e psicológica como fonte dos valores, das categorias e da saudade, é fácil descobrir que o peso da palavra se encontra precisamente no conjunto fortíssimo de ideias e atitudes que ela evoca, desperta e determina. Descoberta como categoria sociológica e como palavra dotada e profunda “capacidade performativa”, a saudade permite subverter esses argumentos de fundo utilitário, baseados no primado da experiência e no utilitarismo burguês contido numa “razão prática”, para afirmar que não são as experiências individuais e fragmentadas do amor, da viagem e da ausência que constituiriam a saudade, mas, em vez disso, é a existência social da saudade como foco ideológico e cultural, a permitir o revestimento especial de nossas experiências, que faz com que a sintamos. É a categoria que conduz a uma consciência aguda do sentimento e não o seu contrário (DAMATTA, 1993, p.20-21 in OLIVEIRA, 2019, p. 38-39)

É enquanto manifestação coletiva e social que a saudade penetra nas discussões do nosso texto. Há uma compreensão da saudade como um fenômeno que caracterizaria inclusive de modo identitário não somente o Ceará, mas o Nordeste brasileiro. O fato do sentimento aparecer de forma recorrente nas artes, canções e literatura, construiu um entendimento de que o povo nordestino é marcado pela saudade muito devido ao êxodo rural em decorrência das prolongadas secas. Flusser (1998), diz que o sertanejo é tomado por um atordoamento secular chamado “saudade” e flutua por suas planícies qual destroços nas ondas. Tal fato se daria porque o sertanejo não possui sua terra de maneira arcaica, não tendo nele brotado raízes, tornando-se nômade a cada catástrofe natural. Sobre isso, Tobias (1997) diz que:

A saudade predomina no Nordeste, no sertão e no centro do Brasil como no Ceará, Bahia e Minas; em outras regiões, por exemplo, em Santa Catarina e talvez no Rio Grande do Sul e Paraná, diminui o predomínio da saudade no coração de

todos os seus habitantes. As poesias, as trovas do cantores do sertão respiram numa só atmosfera: a da saudade. A própria música do sertão, com seu tradicional lamentar, é tipicamente saudosa. (p. 52)

Essa proposta, entretanto, é criticada por Albuquerque Júnior (2011), que explica que essa saudade como característica nordestina foi criada já no início do século XX, quando o Nordeste brasileiro já sem força política e econômica para fazer frente ao Sudeste do Café-com-leite, constrói uma narrativa sintética e identitária sobre si mesmo, com o intuito de construir um bloco político coeso que possa competir com os outros Estados do país no momento de reivindicar investimentos perante o Governo Federal. Portanto,

Com a criação do IFOCS, no governo Delfim Moreira, os intelectuais e políticos ligados a este órgão, como Guimarães Duque e João Palhano, tentam eliminar os sentidos díspares que se referiam àquele espaço, que nasciam da luta pela sua efetivação. Eles tentam construir uma imagem e um texto único, homogêneo para a região, acabando com os "vários Nordeste que entupiam as livrarias, uns sinceros, outros não". O Nordeste devia ser visto e lido numa só direção para que seu efeito de verdade fosse eficiente politicamente. (p. 84)

A saudade, nesse caso, segundo o autor,

é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos do seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpido no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história. A região Nordeste, que surge na "paisagem imaginária" do país, no final da primeira década deste século, substituindo a antiga divisão regional do país entre Norte e Sul, foi fundada na saudade e na tradição. (p. 78)

Logo, artistas como Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, Rachel de Queiroz e Ariano Suassuna serviram para criar uma imagem do Nordeste elaborada a partir de fragmentos de um passado rural e pré-capitalista, em padrões de sociabilidade e sensibilidade patriarcais, quando não escravistas, com verdadeira idealização do popular, da experiência folclórica, da produção artesanal, que seriam tidas sempre como mais próximas da verdade da terra. O Nordeste seria um local atemporal, em que o passar do tempo e as transformações cosmopolitas não ocorressem ou que não deveriam ocorrer, se tornando um lugar fixo no passado, feito para a saudade do nordestino que dali sai em busca de melhores condições de vida nos centros mais desenvolvidos, mas que fica à sua espera, suspenso em um tempo idealizado e arcaico.

Aparentemente as reflexões expostas trazem algo de contraditório, uma possível percepção de que a leitura de Albuquerque Júnior de algum modo desfaça ou diminua a importância das leituras anteriores. Entender uma contradição nisso, ou mesmo um contraponto, se deve ao entendimento ocidental e positivista de busca de uma verdade sobre os assuntos. Estas são tentativas de leituras definitivas que levam à compreensão clara e simples dos temas analisados. Tanto Albuquerque Júnior quanto os outros teóricos trazem diferentes pontos de vista, importantes e esclarecedores sobre o assunto. Devemos lembrar que tanto a Saudade quanto o Nordeste são sistemas de alta complexidade e precisamos nos debruçar de maneira complexa sobre eles. As contradições, os paradoxos e as divergências fazem parte de uma compreensão complexa e, neste sentido, todas

as leituras apresentadas não só devem coexistir, como são responsáveis por diferentes aspectos da compreensão da totalidade do assunto. Evidentemente, não é possível neste artigo esgotarmos o assunto a ponto de termos a totalidade em toda sua complexidade em nossas mãos, mas o que foi apresentado já pode nos oferecer indícios dessa complexidade, com o intuito de perceber algo do fenômeno da saudade nas canções do Pessoal do Ceará. É possível perceber diferentes nuances das saudades apresentadas nas canções. Saudade de uma pessoa amada e ausente, saudade de casa sentida pelo exilado, saudade de casa sentida por alguém que precisou sair para buscar melhores possibilidades no centros de maior condição econômica no Sul/Sudeste do país e trata isso de maneira jocosa e despeitada, como por exemplo quando Ednardo canta: “Ai, mas como é triste essa nossa vida de artista: depois de perder Vilma pra São Paulo, perder Maria Helena pro dentista”⁹. O problema que podemos notar a partir das críticas de Albuquerque Júnior e que já vimos destacando ao longo do texto, é menos o fato dos autores apontarem características como a saudade, o ruralismo e o patriarcalismo que fazem, de fato, parte de um certo nordeste e muito mais a tentativa de criação de uma identidade através delas, que acaba por abrir mão de uma infinidade de outros nordestes, pois que mestiço e, portanto, complexo e múltiplo. As propostas de encerramento de um universo mestiço em uma só identidade sempre são redutoras de complexidade e, assim, são recortes que além de deixar de fora uma série de outras características, podem gerar problemas relacionados a estereótipos e caricaturas como apontados por Albuquerque Júnior. Em um sentido até de certa forma contrário aos estereótipos apontados, o Pessoal do Ceará surge mesmo como uma dissonância daquele Nordeste da caricatura da identidade. Começa pelo sotaque, diferente dos das telenovelas. Também há um certo despeito e questionamento ao sistema estabelecido em que se precisava migrar para o Rio de Janeiro ou São Paulo para que a carreira artística pudesse de fato engrenar. Podemos ver isso muito bem em algumas canções de Belchior, como *Apenas um rapaz latino americano* ou *Retrato 3x4*. Outro feito que caminhou em sentido contrário a um Nordeste parado no tempo, como apontado por Albuquerque Júnior, que seria um lugar de resistência às mudanças cosmopolitas, foi a realização do Massafeira, um evento que envolveu música, artes plásticas e performances no ano de 1979, no Theatro José de Alencar, em Fortaleza. Um empenho pessoal de Ednardo com coprodução de Augusto Pontes (Vasconcelos, 2010). Pode-se perceber a tentativa de colocação de Fortaleza em um lugar de vanguarda em relação às novidades cosmopolitas, pelo menos em relação ao Nordeste. Nas palavras de Vasconcelos (2010):

A importância do Massafeira, tanto enquanto evento como em seu registro fonográfico, ainda resta por ser dimensionada. A impressão, para quem a testemunhou, era a de uma tempestade *pop*, que até então só víamos no cinema, desabando ao vivo e em cores, durante quatro dias, em Fortaleza. Para descrever o evento, usou-se no encarte do álbum duplo a expressão "carnaval fora de época". Até entende-se o que se quer dizer com isso.

Porém, Massafeira foi muito além do que esta expressão tenta traduzir. Afinal, carnaval fora de época - está mais para algo como a micareta, o Fortal ou alguma estupidez do gênero. O que seduzia na imensa festividade, no exótico, na diversidade, naquele sobejo de contracultura - o fetiche das guitarras e *amps*, a tal

⁹ Enquanto Engomo a Calça (Ednardo e Climério, 1979).

"velha roupa colorida", os cabelos invariavelmente longos, desgrenhados - era a atmosfera em si.

E isso tudo numa acanhada capital do subúrbio, em plena linha do Equador. Na periferia da periferia do mundo. Aquelas guitarras rascantes ecoando pelas galerias e entornos de seu pequeno e charmoso teatro. Era algo de uma notável sugerência de novidade e vida. E, melhor, de novidade na diversidade. E num tempo em que, por mordanças várias, estávamos apenas começando a saborear a delícia de expressar-nos sem censuras. Inclusive as das patrulhas ideológicas de esquerda. Para um povo, como o cearense, tão pouco afeito a manifestações assim - mais gregárias, em que o herói são todos e nenhum - o evento resta quase como um marco, nota dissonante. Mas de uma dissonância alegre, espontânea e promissora. (p. 166-167)

Mesmo com esse desejo pelo novo, o que inclui a viagem em busca de outros sons, oportunidades e mercados, como muito bem apontado por Rogério (2006 e 2011), percebemos facilmente a recorrência da saudade nas canções produzidas naquela época. Possivelmente, muito provavelmente, pelos motivos já percorridos anteriormente neste artigo, por exemplo, a saída de casa, o amor ausente, a distância do lugar de predileção. Podemos começar nossa cartografia, ainda em Fortaleza, com o desejo de saudade na música chamada 4 Graus – a latitude onde se encontra Fortaleza, 4 graus a sul do Equador –, de 1972, com letra de Dedé Evangelista e Raimundo Fagner, que diz: *Céu de vidro, azul, fumaça / quatro graus de latitude / rua estreita, praia e praça / minha arena e ataúde. / Não permita Deus que eu morra / sem sair desse lugar / sem que um dia eu vá embora / pra depois poder voltar. / Quero um dia ter saudade / desse canto que eu cantei / e chorar se der vontade / de voltar pra quem deixei*. Essa brincadeira com a Canção do Exílio de Gonçalves Dias demonstra um sentimento aparentemente muito comum entre os habitantes de Fortaleza: o desejo de sair, de sentir saudade daquele lugar, lugar importante, arena e ataúde, mas que, entretanto, precisa ser deixado para trás em algum momento, precisa ser lembrado gostosamente numa saudade distante. É o caso de Ednardo quando compôs Terral, em 1973, no disco chave do Pessoal do Ceará: *Meu corpo minha embalagem, todo gasto na viagem: Eu venho das dunas brancas / de onde eu queria ficar / deitando os olhos cansados / por onde a vista alcançar*. É a voz de um exilado lembrando saudosamente de sua cidade, de seu Estado: *eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia, eu sou do Ceará*. Mas antes mesmo de chegar a essa saudade gostosa como em Terral, há a saudade dolorida do percurso, do exilado em trânsito, como chama atenção Vasconcelos (2010) quando analisa Estrada de Santana, de Petrúcio Maia e Brandão, gravada por Fagner em 1975 no disco Ave Noturna:

Em "Estrada de Santana" o migrante exilado mal dimensiona, de fato, o pedaço de vida que lhe foi roubada - embora sinta na carne que o foi: "Sem jamais entender o que alguém perdeu / E perdeu, e ficou assim". Este "assim" ganha uma função adjetiva, como na fala popular. Algo que se aproxima de "desalento", "desesperança". Segue para além de uma simples e casual troca de estado de humor. Implica algo mais fundo: uma mudança na personalidade por razões de saudade de casa. (p. 165)

O que acontece com o migrante na música Estaca Zero de Ednardo e Climério, gravada em 1976 no disco Berro: *Cada braça de caminho / um soluço de saudade / toda vereda de roça / vai descambar na cidade*, mostrando a necessidade de ir embora,

que mesmo e apesar da saudade, o percurso de saída é inevitável, a procura por novas possibilidades, que, para o Pessoal do Ceará, representou a ida para São Paulo e Rio de Janeiro. É o que vemos em Ingazeiras, quando Ednardo nos diz: *nascido pela Ingazeiras / criado no oco do mundo / meus sonhos descendo ladeiras / varando cancelas / abrindo porteiros / sem ter o espanto da morte / nem do ronco do trovão / o Sul, a sorte a estrada me seduz / é ouro, é ouro em pó que reluz*. E, como Marta Lopes, Ednardo e Fagner magistralmente cantaram em Frio da Serra, de Petrúcio Maia e Brandão: *Lá em baixo no espaço / as casas estão com frio / eu vou passar a caminho / daquela estação do Rio / Nesta serra ninguém me vê caminhar / eu vou cantar no serão da praça vazia / pela mão do poste velho / vou descer o barranco desfeito na luz / cantar pra quem não vai me ouvir / sentar na estrada / contar o meu dinheiro / arrumar o cabelo e seguir*. Ainda nas canções de saudade pelo caminho, vemos Ausência, também de Ednardo, gravada em 1974, sobre a ausência sentida de alguém que ficou pelo percurso: *sorrias, e a tua voz, estranha, estrada, amiga / perdeu-se ao longe na partida / e não ficou ninguém em seu lugar*. Ou quando Belchior em Retrato 3x4 diz que: *mesmo vivendo assim, não me esqueci de amar / que o homem é pra mulher e o coração pra gente dar / mas a mulher, a mulher que eu amei / não pôde me seguir, não*. Ou mesmo em Tudo Outra Vez, quando canta que: *faz tempo, muito tempo que eu estou longe de casa / e nessas ilhas cheias de distância / o meu blusão de couro se estragou*. Na mesma canção, mais à frente, chega a pedir pelo término do sentimento: *minha rede branca / meu cachorro ligeiro / sertão, olha o Concorde / que vem vindo do estrangeiro / o fim do termo saudade / como um charme brasileiro / de alguém sozinho a cismar*. Ednardo em Longarinas nos diz que: *faz muito tempo que eu não vejo o verde daquele mar quebrar / nas longarinas da ponte velha que ainda não caiu / faz muito tempo que eu não vejo o branco da espuma espirrar / naquelas pedras com a sua eterna briga com o mar*. E os mesmos Ednardo e Belchior em Aurora cantaram: *sonhos de aurora eu sonhava / no colo de minha irmã*. Encontramos também a saudade que se assoma quando da chegada ao destino desconhecido. Belchior cantou em Retrato 3x4: *Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei / jovem que desce do norte pra cidade grande / os pés cansados e feridos de andar légua tirana*. E Ednardo e Augusto Pontes em Águagrande: *A primeira vez que eu vi São Paulo / da primeira vez que eu vim São Paulo / fiquei um tempão parado / esperando que o povo parasse / enquanto apreciava a pressa da cidade / a Praia de Iracema veio toda em minha mente / me banhando da saudade / me afogando na multidão / eu vim São Paulo / se afogando na multidão / eu vi São Paulo*. E tem a saudade que se entranha e envelhece junto, à distância, em novos lugares, como diz Belchior em Galos, Noites e Quintais: *Quando eu não tinha o olhar lacrimoso / que hoje eu trago e tenho / quando adoçava o meu pranto e o meu sono / no bagaço de cana de engenho*. Ou como Abel Ferreira e Fagner cantaram em Asa Partida, perdidos e sem rumo: *Essa saudade, o cigarro, a luz acesa / e a noite posta sobre a mesa / nuvem sem rumo é assim mesmo / eu não queria a vida desse jeito*; canção que traz esse verso que segundo Vasconcelos (2010, p. 166): "resume tudo: 'eu não queria a vida desse jeito'. Ou seja, essa saudável inquietação diante de uma realidade extremamente defeituosa."

Chegamos então às canções que trazem a saudade de um amor ausente, de

alguém que se foi, mas por quem o coração ainda chora. Por exemplo, a canção Pé de Espinho, de Régis e Rogério que diz: *Bate um coração que só canta tristezas / pela morena que foi sem voltar / deixando a saudade no seu lugar*. Ou o Baião do Coração, de Wilson Cirino: *Se teus olhos me dissessem a verdade / eu talvez ficasse / mas não sei se o caso é de saudade / ou de não crer / mas que vontade de ficar*. Ednardo, Dominginhos e Climério também têm sua saudade de amor, que podemos ver na canção Flora: *No roçado do meu coração / há um tempo de plantar saudade / há um tempo de colher lembrança / pra depois com o tempo chorar*. Ângela Linhares e Ricardo Bezerra, na sua Como as primeiras chuvas do caju, cantam: *Deixa o teu abraço vir curvado / que eu conheço o peso desses tempos, / e corre comigo como de primeiro / que o meu corpo é leve / como as primeiras chuvas do caju*; trazendo esse lindo verso "corre comigo como de primeiro", como a maneira popular de falar do tempo passado. Entrando nas belíssimas canções de Fausto Nilo a saudade transborda. É fácil identificá-la em suas letras. Alguns exemplos são Casa Tudo Azul, quando o poeta diz: *Meu choro é pra dizer que não se deve lamentar / é só um sentimento, vai passar / e você sabe bem que esse retrato ficou na felicidade / que eu nem sei onde andar*. Ou em Caravana no Deserto, que Fausto Nilo compôs com Geraldo Azevedo e Pippo Spera: *A caravana do deserto / atravessou meu coração / e eu fui chorando por você / até os sete mares do sertão / você se lembra...* Podemos apontar a canção de Fausto Nilo com Petrúcio Maia, sobre a vontade de rever a atriz Dorothy L'Amour nas areias do cinema: *Ai, hoje eu sou / água-viva dos mares do sul / não quero mais chorar / te rever Dorothy L'Amour*. Quando Fausto se propõe a compor fados, entre eles Nos Ares de Lisboa e Passarinho Enganador, entranhando a saudade melódica portuguesa em suas letras, produz poesias como: *Minha saudade é tanta / que espanta o passarinho / eles que vem do rio / dá vontade de voar*. Ou mesmo: *Um rio passou por mim / acariciou o meu sertão / fez a saudade chover / dentro do meu coração*. Para encerrar esse muito breve passeio pelas saudades nas canções do Pessoal do Ceará, – há muito mais saudade que ficou de fora –, devemos citar a canção Siá Mariquinha, música composta por Luís Assunção com letra de Evanor Pontes e gravada por Tėti em 1975 no disco Rodger e Tėti do Pessoal do Ceará - Chão Sagrado, já que a música inteira é quase um hino à saudade. Diz a letra:

A saudade que se guarda das coisas da vida / que a gente gozou / pode até se arrememorar / tanta coisa velha que já se passou / quanto mais passado o tempo / mais o amor aumenta / mais saudade vem / mode a gente arrememorar / dos amor querido que a gente quis bem / minha pobre Mariquinha / sua casinha tinha, um pé de jatobá / onde sabiá subia toda tarde fria / pru mode cantar / e o riacho lá da serra / que vinha por terra / rodiando a volta / ah, quanta saudade morta / ninguém dá jeito / o jeito é calar / Siá Mariquinha, Maroquinhazinha / sua velha casinha / dos tempos de amor / e a ventania de riba da serra / pegou a casinha e escangalhou / ai, ai, Siá Mariquinha, isto não é brinquedo / me diga se a saudade mata, se a saudade mata / qu'eu já tô com medo.

De certa forma corroborando com as teorias apresentadas sobre a saudade e acrescentando seu ponto de vista sobre a produção musical na época do Pessoal do Ceará,

Ricardo Bezerra¹⁰ (2021) explica que a saudade não era um tema sobre o qual houvesse uma combinação explícita a se tratar nas canções, inclusive chega a se admirar com a quantidade de canções falando de saudade que foram a ele apresentadas durante essa pesquisa. Além disso, nos esclarece que:

A tal nordestinidade é uma variável que pode sim levar a um aumento de saudade nos indivíduos que possuem esse sentimento. Afinal, o êxodo nordestino deve ser um poço aberto de saudade, jorrando pela vida afora. São os filhos que foram embora, saudade da terra onde viveu a infância, saudade de um primeiro amor que se foi, coisas assim. Se pensar o nordestino como um ser coletivo, acho que ele seria tomado de saudade sim. O fato da saída pro sul maravilha já dá o mote prum monte de canções falando de saudade da terra que deixou. Talvez, na obra do Ednardo é onde se possa achar o maior número de referências a isso. Aliás, fiquei admirado com a quantidade de citações que você desencavou nas letras. Não sei que tipo de saudades existiam nas canções mas acho que os sentimentos de saudade eram legítimos.

Como bem se vê, a saudade permeia as composições do Pessoal do Ceará. Pode-se pensar que fosse um tema deliberadamente convencionado para se trabalhar. Entretanto, parece ser algo imbricado nas almas de cada um. A poesia que contém desde a palavra ao sentimento toma conta da própria vida e é até difícil compreender se a saudade ali colocada é uma criação poética ou a vida mesmo dos compositores. Mas isso não importa.

Considerações finais

Apresentou-se no texto uma série de definições e reflexões sobre a saudade e sobre como a saudade participou da construção de uma ideia de Nordeste. O Pessoal do Ceará foi um grupo de artistas que se encontraram em Fortaleza e rumaram para o Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília em busca de fazer carreira. Suas canções estavam entranhadas de saudade e isso de maneira ou de outra, reforçava ou rompia com a ideia de Nordeste estabelecida artística e historicamente. Os cearenses pareciam mais serem algo à parte, uma certa dissonância do que o lugar-comum esperava de uma produção artístico-musical nordestina. Pudemos apresentar isso em uma série de letras de canções ao longo do texto. A saudade cearense apesar de ser uma saudade do exílio, também busca a transformação e a mudança que a própria saudade faz parte. Não se apresenta como uma identidade, não é a saudade esse elemento que homogeneizaria as produções daquela época em torno de algo que as diferenciavam dos outros grupos que surgiram naquele tempo. O Pessoal do Ceará foi um grupo heterogêneo, transbordando os barroquismos de uma mestiçagem festiva que conectava, unia e se transformava a cada dia, como uma boa saudade deve ser. O "carnaval fora de época" que foi o Massafeira é a constatação desse fenômeno. Pode-se ver nas fotografias do evento (SOUSA, 2010) a alegria que tomou conta daqueles dias em que a arte em um legítimo modo de produção fez ferver a cidade. Portanto, deixamos essa discussão citando Fausto Nilo sobre a saudade que mais importa – a saudade do carnaval, quase como um brinde ou uma oração para que novos tempos venham e transformem o país enfim em uma grande Massafeira: "**Quando fevereiro chegar, saudade já não mata a gente!**"¹¹

¹⁰ Trecho extraído de conversa sobre essa pesquisa com o compositor/arquiteto/professor Ricardo Bezerra em 30 de julho de 2021.

¹¹ Chorando e Cantando (Geraldo Azevedo e Fausto Nilo, 1986).

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5a ed. São Paulo, SP. : Cortez, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o barroco**. Campinas, SP : Papyrus, 1991.
- FLUSSER, Vilém. **A fenomenologia do brasileiro**. Organização: Gustavo Bernardo. - Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Tradução Roberto Cataldo Costa. – Porto Alegre: Artmed, 2007.
- LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. **A mestiçagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2017.
- OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de. **Sobre saudades faladas: um estudo com narrativas no Sertão de Pernambuco**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. – 2019
- PINHEIRO, Amálio. **A Condição Mestiça**. Revista Pasquinagem, São Paulo, vol. 10. pág. 8-23, setembro, 2020.
- Preta, Stanislaw Ponte. **Máximas inéditas de Tia Zulmira**. Rio de Janeiro: Ed. Codecri, 1976.
- ROGÉRIO, Pedro. **A viagem como um princípio na formação do habitus dos músicos que na década de 1970 ficaram conhecidos como "Pessoal do Ceará"**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2011.
- ROGÉRIO, Pedro. **Pessoal do Ceará: formação de um campo e de um habitus musical na década de 1970**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará, 2006.
- SOUSA, Ednardo Soares Costa. **Massafeira: 30 anos Som, Imagem, Movimentos, Gente**. Fortaleza: Edições Musicais, 2010.
- SUASSUNA, Ariano, **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do vai-e-volta**. 13a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- TOBIAS, José Antônio. **A saudade: idéia ou sentimento**. São Paulo: AM Edições, 1997.
- VASCONCELOS, Ruy. **Pessoal do Ceará ou elogio dos exilados** in Massafeira: 30 anos de Som, Imagem, Movimentos, Gente./ José Ednardo Soares Costa Sousa [Organizador e Coordenador Geral]; - Fortaleza: Edições Musicais. Expressão Gráfica e Editora, 2010.